



As Fontes Sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras: Múltiplas e Dispersas

Beatriz Góis Dantas¹

The sources of the Laranjeira's Cultural Meeting: multiple and dispersed

Resumo:

Versão ampliada do texto apresentado oralmente na mesa redonda de abertura do Simpósio do XL Encontro Cultural de Laranjeiras (2015), importante acontecimento da vida cultural sergipana, cuja longevidade e reconhecimento externo o projetam no plano nacional como um dos mais importantes eventos sobre o estudo da cultura popular em suas interfaces com vários campos do conhecimento. Apresenta uma retrospectiva do referido Encontro em seu contexto de origem e centra-se no Simpósio que o integra, a partir do qual se discute a dispersão dos documentos sobre o evento e tentativas de construção de uma memória e, sobretudo, o desafio de assegurar a sistematização e preservação das fontes.

Palavras-chave: Cultura popular, Folclore, política cultural, Laranjeiras.

Abstract:

Expanded version of the text presented orally at the roundtable opening of the XL Laranjeira's Cultural Meeting of Laranjeiras (2015), an important event in Sergipe's cultural life, which longevity and external recognition projects it at a national level as one of the most important events on the study of popular culture in their interfaces with various fields of knowledge. It presents a retrospective of that meeting in their original context and focuses on the Symposium, a part of it, from which it analyzes and discusses the dispersion of documents about the event, attempting to build a memory and, above all, challenges to ensure systematization and preservation of sources.

Keywords: Popular culture, folklore, cultural policy, Laranjeiras.

323



1 Antropóloga, professora emérita da Universidade Federal de Sergipe, membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Academia Lagartense de Letras.



Introdução

O Encontro Cultural de Laranjeiras chegou à sua 40ª edição, o que não é de desprezar-se num país marcado pela descontinuidade das políticas públicas e das promoções culturais. Nesse momento de celebração cabe rememorar, olhar para trás, dar balanço, contabilizar e avaliar os feitos, enfim, acionar as formas de entendimento do passado, nesse limiar movimento entre memória e história².

Nesse processo, o papel das fontes que os pesquisadores têm à sua disposição é fundamental. Esse texto discute esse assunto tomando como referência empírica o Encontro Cultural de Laranjeiras, em relação ao qual me coloco na situação de pesquisadora e observadora participante³.

324

O Encontro Cultural de Laranjeiras, contexto da origem

O Encontro Cultural de Laranjeiras (ECL) foi criado em 1976 numa conjuntura em que, no plano nacional, o folclore era prestigiado, junto com o artesanato e o patrimônio arquitetônico das cidades históricas, devido a seu potencial no desenvolvimento do turismo cultural. Era época dos governos militares em que grandes festivais de cultura foram criados em vários estados, a exemplo do Festival de Artes de São Cristóvão (FASC), promovido a partir de 1972 pela Universidade Federal de Sergipe⁴.

Cidade que no século XIX se destacara no cenário da Província pela riqueza material proporcionada pela economia açucareira e pela intensa vida cultural, o que lhe valera o título de *Atenas Sergipana*, Laranjeiras vivia, no início dos anos 70 do século XX, momentos de perplexidade. O velho título já não se ajustava à sua nova realidade. Os sobrados antigos e as centenárias igrejas em abandono eram o atestado mais visível da decadência da cidade na qual reinava um clima de desânimo e ressentimento, alegando-se que as atenções governamentais concentravam-se em São Cristóvão, a antiga capital, a *Cidade Monumento* para onde eram encaminhados os poucos turistas e as autoridades que visitavam Sergipe.

Àquela época, a política cultural dos governos militares incentivava os governantes estaduais a criarem órgãos de cultura e de turismo como forma de implementar os programas de valorização da cultura popular e do patrimônio histórico. Isso fez com que as elites locais percebessem o

2 LE GOFF, Jaques. *Memória. Enciclopédia Einaudi: Memória e História*, v. 1. Porto: Imprensa Nacional. Casa da Moeda. 1984.

3 Participei de discussão sobre o I Encontro Cultural, mas não fiz parte da organização das várias edições do evento, no qual colaborei apresentando trabalhos com certa assiduidade, sobretudo a partir dos meados dos anos 80. Ver Depoimento em Geonordeste, *Revista eletrônica do Núcleo de Pós-graduação em Geografia da UFS*. Aracaju, 2015.

4 Sobre o FASC, ver A fina malha do tempo, *Cadernos de UFS, História*, n.1. Aracaju, Ed. UFS. 1995.



potencial da sua cidade, detentora de belo conjunto arquitetônico e rico folclore. Em 1972, o Ministro da Educação e da Cultura Jarbas Passarinho, em visita à cidade, pronunciou uma frase que se tornou emblemática: “Laranjeiras é um Museu a céu aberto”. Os laranjeirenses se apropriaram dela, lhe atribuíram novos significados e transformaram-na num mote para mudar a feição da cidade e reconstruir sua identidade. O patrimônio de pedra e cal e as expressões populares, materializadas em vários grupos de danças e folguedos, passaram a ser vistos como uma riqueza que precisava ser preservada, estudada e difundida. Com ela se poderia desenvolver o turismo, gerar emprego e riqueza material, e assegurar a continuidade e a proteção da cultura popular, conforme o ideário da época⁵.

O Encontro Cultural nasceu, portanto, de uma conjugação de esforços. Criado na segunda gestão do governador José Rollemberg Leite, assessorado pelo jornalista Luiz Antônio Barreto, e com forte participação do Conselho Estadual de Cultura, então presidido por Antônio Garcia Filho, atendeu aos pleitos do prefeito de Laranjeiras José Monteiro Sobral, que se empenhou na implantação e permanência do evento. A Comissão Sergipana de Folclore, tendo à frente Jackson da Silva Lima, agregava os folcloristas locais e colaborava com as novas iniciativas.

Mas no formato que surgiu, o Encontro Cultural não teria tido continuidade sem o concurso de Bráulio do Nascimento, diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), órgão federal sediado no Rio de Janeiro, que deu suporte institucional e, com sua presença constante, teve papel decisivo na trajetória do Encontro.



5 DANTAS, Beatriz Góis. Laranjeiras entre o passado e o presente. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas e SILVA, Eder Donizeti (org.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: A Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*, v. 2. São Cristóvão: UFS. 2009.





Bráulio do Nascimento, diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro; governador José Rollemberg Leite; e Luiz Antônio Barreto, assessor cultural, na inauguração do Museu Afro-brasileiro durante o I Encontro Cultural de Laranjeiras. Maio de 1976.

326



Fonte: Acervo da autora

Da esquerda para a direita: José Monteiro Sobral, prefeito de Laranjeiras; Antônio Garcia Filho, presidente do Conselho Estadual de Cultura; Jackson da Silva Lima, presidente da Comissão Sergipana de Folclore



Fonte: Acervo da autora





Criado com o objetivo de promover o estudo, a divulgação e a valorização da cultura popular, o Encontro Cultural de Laranjeiras, ao longo de sua trajetória, promoveu uma multiplicidade de ações. Entre outras, podem ser citadas apresentações de grupos folclóricos, oficinas, cursos, exposições, feiras de artesanato, peças de teatro e exibições musicais, enfim, uma miríade de atividades culturais que constam da programação oficial, a certa altura ampliada com shows musicais de bandas e trios, incorporando elementos da cultura de massa. O planejamento e execução de cada uma dessas atividades gerou uma grande quantidade de documentos de naturezas diversas.

Ao tratar das fontes sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras tomo como referência o Simpósio, pois, foi ao organizar um catálogo sobre as 40 edições do evento⁶, que me deparei com o fato de que muitas são essas fontes, todavia se encontram dispersas e sem organização, sujeitas, portanto, a breve desaparecimento.

O Simpósio, espaço múltiplo e plural

Ao apresentar resumidamente uma visão geral da trajetória do Simpósio, trato de algumas das mudanças que ocorreram, vendo-as como parte do processo social no qual se insere e na relação de forças que marcam a cultura, uma arena onde se defrontam interesses diversos.

De início, essa reunião de intelectuais organizada pelo Conselho Estadual de Cultura tinha a denominação de Colóquio e assim permaneceu por alguns anos até que passou a ser chamado de Simpósio, tendo à frente de sua organização o órgão do governo estadual encarregado do setor de cultura, que teve estrutura e denominações diversas ao longo dos anos⁷.

A primeira edição do Simpósio foi realizada no mês de maio, na contramão do calendário festivo da cidade⁸, no qual historicamente se destaca o Dia de Reis, incorporando as celebrações em honra de São Benedito e Nossa Senhora do Rosário, que se notabilizam pela presença de vários grupos folclóricos em rituais de louvação no templo católico e nas ruas da cidade. A partir de 1977, o Encontro Cultural, e conseqüentemente o Simpósio, passou a acontecer em sintonia com a data em que tradicio-

6 DANTAS, Beatriz Góis. *Encontro Cultural de Laranjeiras: 40 anos do Simpósio*. Aracaju: IHGSE, 2015.

7 Sobre o assunto, ver CARVALHO, Ana Conceição Sobral de. Sergipe e sua memória; atos e ações de preservação realizados pelo Poder Público Estadual. In: CARVALHO, Ana Conceição Sobral e ROCHA, Rosina Fonseca (Org.). *Monumentos sergipanos: bens protegidos por lei e tombados através de Decretos do Governo do Estado*. Secretaria Estadual de Cultura. Aracaju: Gráfica Sercore, 2006.

8 DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 27, p. 63-69, 1965-1978.



nalmente a população local se mobiliza para cultuar os santos padroeiros dos negros, celebrados no dia 6 de janeiro ou nas imediações dessa data.

Refletindo a falta de estrutura da cidade, as várias edições do Simpósio se abrigaram em diferentes espaços, como igrejas, câmara de vereadores, clube social, escolas e, afinal, no campus da Universidade Federal de Sergipe (UFS), inaugurado em 2010, três anos após a instalação dos cursos de graduação na cidade.

Ao longo do tempo, o Simpósio teve duração variada. Iniciando-se com duas ou três sessões no sábado e no domingo, foi ampliando seu espaço e duração à medida que o Encontro se firmava. Na última sessão do evento, escolhia-se o tema para o próximo ano. Ainda que ele pudesse ser formulado por um pequeno grupo, havia possibilidades de surgirem novas propostas durante as discussões e o tema era decidido pelo voto dos presentes. Essa prática que foi abandonada durante anos, está agora sendo retomada.

O Simpósio sempre foi temático e, no início, seguiu a classificação do folclore feita pelos especialistas: medicina popular, culinária, lúdica infantil, artesanato, literatura e assim por diante. Cumprida essa lista de categorias do folclore, a pauta de temas foi se ampliando, procurando manter-se em sintonia com as políticas públicas, as novas agendas de discussão acadêmica, enfim, com os interesses da sociedade.

Tabela 1. Temas do simpósio: 1976-2015

ENCONTRO	ANO	TEMÁTICA
I	1976	Folclore
II	1977	Linguagem Popular
III	1978	Medicina Popular
IV	1979	Culinária
V	1980	Lúdica Infantil
VI	1981	Artesanato Brasileiro
VII	1982	Literatura de Cordel
VIII	1983	Música Folclórica
IX	1984	Religiosidade Popular
X	1985	Conto Popular
XI	1986	Poética Popular
XII	1987	Danças e Folguedos
XIII	1988	O Negro e a Contribuição à Cultura Brasileira
XIV	1989	Cultura Afro-Brasileira
XV	1990	Dinâmica do Folclore
XVI	1991	Credices e Supertições
XVII	1992	Folclore Latino-Americano: Convergências
XVIII	1993	Cultura Popular e Comunicação de Massa
XIX	1994	Cultura Popular e Contexto do Trabalho
XX	1995	Projeção Folclórica
XXI	1996	Globalização da Cultura, Folclore e Identidade Regional
XXII	1997	Folclore: Novos Caminhos da Pesquisa
XXIII	1998	Folclore Infantil
XXIV	1999	Folclore: o Sagrado e o Profano

ENCONTRO	ANO	TEMÁTICA
XXV	2000	Mitos, Ritos e Tradições
XXVI	2001	Cultura Popular: Identidade, Tradição e Globalização
XXVII	2002	A Fabricação da Cultura: Apropriação e Expropriação
XXVIII	2003	Folclore: Permanência e Transformação
XXIX	2004	A Poética e a Literatura de Cordel
XXX	2005	O Folclore dos Movimentos Sociais e o Poder Comunicante do Folclore
XXXI	2006	Os Bens Imateriais
XXXII	2007	Folclore, Mídia e Turismo
XXXIII	2008	Quilombolas e Identidade Cultural
XXXIV	2009	Política Cultural: Cidadania e Identidade
XXXV	2010	Patrimônio Cultural: Pilar do Desenvolvimento
XXXVI	2011	Patrimônio Imaterial e a Era Digital
XXXVII	2012	Patrimônio Cultural, Consciência da Preservação
XXXVIII	2013	Lúdica: Poder Comunicante
XXXIX	2014	Cultura Popular: Preservação e Sustentabilidade
XL	2015	O Pulsar da Cultura: 40 anos do Encontro Cultural de Laranjeiras

Fonte: Acervo da autora

329

Uma característica, desde a primeira edição, foi reunir intelectuais da terra e gente de fora para apresentar e debater um tema previamente selecionado, gerando uma troca de experiência muito enriquecedora. Com o passar dos anos, foi-se constituindo um núcleo de palestrantes e debatedores cuja presença se tornou quase cativa: Bráulio do Nascimento, do Rio de Janeiro; Roberto Benjamim, de Pernambuco; Osvaldo Trigueiros, da Paraíba; ao lado do grupo local. Neste, além de Luiz Antônio Barreto, figura nuclear do evento, era presença constante na fase inicial, sobretudo, Jackson da Silva Lima, Aglaé Fontes, Antônio Garcia Filho na dupla função de presidente do Conselho Estadual de Cultura (CEC) e debatedor. Ao longo do tempo, o Simpósio foi ampliando seu raio de atuação, contando com a participação de pessoas de diferentes regiões do país.

Na década de 90, a relação de palestrantes se ampliou com a presença de estudiosos estrangeiros. Eram, sobretudo, intelectuais que vinham como convidados para as Jornadas Sergipanas de Estudos Medievais, promovidas pelo Governo de Sergipe entre 1996 e 1999. Alguns deles estendiam sua participação nas mesas do Simpósio, como Alberto Antunes Abreu, de Portugal e Manoel da Costa Fontes, dos Estados Unidos.

A presença de convidados externos, uma marca do Simpósio, deixou de acontecer apenas uma vez, exatamente quando o Encontro completava 25 anos. Em 2000, poucas semanas antes do evento, uma crise política culminou com o afastamento do então secretário de Estado Luiz Antônio Barreto, inviabilizando recursos para financiamento dos convidados de outros estados, palestrantes do evento. O Simpósio foi ameaçado de interrupção. Naquele momento, em curtíssimo espaço de tempo, contou-se com a adesão de professores e estudantes da UFS e de pessoas da comunidade, que aceitaram apresentar trabalhos dentro da temática já defini-

da, assegurando, desse modo, a continuidade do Simpósio e evidenciando seu enraizamento na sociedade sergipana.

No ano seguinte, retomou-se a tradição interrompida e voltou-se a contar com a preciosa colaboração dos estudiosos de outros estados, alguns dos quais se tornaram tão identificados com o Simpósio que a eles se dedicaram com afinco, debatendo, divulgando e formando importantes acervos fotográficos.

A relação dos palestrantes e debatedores do Simpósio é imensa. Em 1995, Bráulio do Nascimento, que além de ter sido elemento chave na criação do Encontro, preocupou-se em registrar a memória do Simpósio, num texto de avaliação dos 20 anos do evento, informa que mais de uma centena e meia de especialistas provenientes de 16 estados tiveram presença no Simpósio⁹. Hoje essa lista cresceu e, segundo a programação oficial, mais de 280 diferentes pessoas constam como participantes ativos (expositores, debatedores, mediadores, depoentes) nas muitas edições do evento¹⁰. Provenientes das várias regiões do país e alguns do exterior, nas mesas do Simpósio estiveram intelectuais vinculados a diversas e importantes instituições universitárias, especializados em vários campos do saber, notadamente antropologia, sociologia, psicologia, comunicação social, história, geografia, etnobotânica, literatura, dança, música, teatro, pintura, museologia, patrimônio e não apenas pessoas ligadas aos estudos de folclore.

Essa vastidão reflete a dimensão de como o Simpósio foi um espaço múltiplo e plural e se constituiu em experiência bem-sucedida de abordagem interdisciplinar, que se atualiza e acompanha as demandas da sociedade e amplia as fronteiras do conhecimento.

Em anos recentes, vai escasseando a presença dos intelectuais da primeira geração, a dos fundadores do Simpósio. Este passa a ter uma composição mais ampla e um quadro mais pulverizado de participantes. Amplia-se o número de palestrantes que vêm ao Simpósio apenas uma ou duas vezes. Por outro lado, essa relação de pessoas convidadas também indica a dinâmica do evento e as relações de força política em sua organização.

A leitura dos temas do Simpósio (cf. tabela 1) mostra que, ao lado da lista de categorias folclóricas, abriu-se um leque de temas que incorporava questões mais amplas, como *O negro e sua contribuição à cultura brasileira*, tema trabalhado em 1988, quando o ECL inaugurou as comemorações nacionais do ano do Centenário da Abolição. Vigorou um tom de denúncia sobre a situação do negro na sociedade brasileira, assim como apresentações de artistas e destacados políticos, atores sociais importan-

9 NASCIMENTO, Bráulio do. *Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos*. (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura, 1995.

10 Ver nomes dos participantes em DANTAS, Beatriz Góis. *Encontro Cultural de Laranjeiras: 40 anos do Simpósio*. Aracaju: IHGSE. 2015.

tes, sobretudo naquele momento em que se votava a nova Constituição, com suas propostas de inclusão social e étnica.

O reflexo dos movimentos da sociedade e seus delineamentos políticos sobre o Simpósio se tornaram mais visíveis vinte anos mais tarde, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) assumiu o Governo do Estado e os movimentos sociais passaram a ter presença marcante na sociedade, através da segmentação étnica, dentre outras.

Em 2008, o deslocamento parcial do evento para a Mussuca, área rural de Laranjeiras reconhecida oficialmente como quilombo em 2009, foi muito expressivo no sentido de vincar a marca da identidade quilombola em construção. Se antes muitos atores populares estiveram presentes nas mesas do Simpósio trazendo suas contribuições e sendo alvo de homenagens, naquele momento eles tiveram presença mais vigorosa, enquanto escasseava a participação de intelectuais identificados como folcloristas. Alguns chegaram até a declarar o fim do Encontro Cultural¹¹.

A partir de então, Luiz Antônio Barreto, que tivera alguns desentendimentos com a Comissão Nacional de Folclore, entidade que sempre prestigiou o evento, não mais apareceu na ribalta dos palanques oficiais ou nas mesas do Simpósio. Morreu em 2012 e no ano seguinte, na abertura da XXXVIII edição do Simpósio, se prestou homenagem à memória do mentor e realizador do Encontro Cultural de Laranjeiras durante muitos anos.

Mudanças ocorreram nas políticas do governo central. No âmbito federal, o termo folclore se tornou invisível no Plano Nacional de Cultura¹² ao menos desde 2007, eclipsado pelo patrimônio imaterial, tema recorrente nas mesas do Simpósio nos últimos anos, bem como globalização, mídia e turismo em anos precedentes, a indicar a abrangência de interesses e a elasticidade do Simpósio diante da incorporação de novas agendas de discussão.

De início, o público do evento era pequeno. As palestras e discussões não despertavam muito interesse dos habitantes da cidade, a não ser de alguns professores, gestores municipais e um ou outro cidadão aficionado pela história e pelas tradições locais, como era o caso de Antônio Gomes, o escrivão do cartório, uma espécie de memória viva da cidade. Às vezes, tinha-se a impressão que aquele evento era em Laranjeiras, mas não se destinava ao público da cidade. Alguns sugeriram que ao lado das discussões mais acadêmicas, se promovessem atividades mais próximas da realidade local, curso ou oficina para professores, habilitando-os a trabalhar adequadamente o folclore com seus alunos. Alguns palestrantes vindos

11 AGUIAR, Luciana. *Celebração e estudos de folclore brasileiro: o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

12 MINISTÉRIO DA CULTURA. Plano Nacional de Cultura, Diretrizes Gerais. 2007. Disponível em: <www.cultura.gov.br/pcn>. Acesso em: 13 out. 2008.

de fora chegaram a se prontificar para contribuir com ações que atingissem a população local mais diretamente. Registros dessas inquietações e cobranças, que perpassavam as sessões de encerramento do Simpósio, encontram-se em alguns dos Anais que foram publicados entre 1995-1999.

Com a ampliação dos cursos de nível superior e, sobretudo com as pós-graduações, aumentou o público do Simpósio, que, além dos universitários sergipanos, em alguns anos chegou a atrair caravanas de estudantes de faculdades do sul da Bahia e alunos de universidades do Sudeste, que se debruçaram sobre grupos de Laranjeiras ou sobre o próprio Encontro Cultural, transformando-os em objetos de trabalhos acadêmicos¹³.

Paralelamente, a dinâmica do Simpósio vai cada vez mais se aproximando dos eventos universitários, incluindo, além das palestras e mesas redondas, sessão de comunicações. Com isso, abriu-se espaço às gerações mais jovens, estudantes que se iniciavam na pesquisa e queriam mostrar seus trabalhos. Com a crescente presença da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em Laranjeiras, ampliou-se esse aspecto e as comunicações ganharam mais densidade através dos grupos organizados de pesquisa. Em anos recentes, o Núcleo de Pós-Graduação em Geografia (NPGE) da UFS vem realizando junto com o Simpósio o *Fórum Patrimônio e Festas em Sergipe*, já em terceira edição (2014). Por seu turno, a Superintendência Estadual do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) passou a realizar atividades especiais durante o ECL, a exemplo da programação desenvolvida em 2012, intitulada *Laranjeiras: Encontros, Memórias e Vivências*, e muitos dos seus técnicos têm feito conferências no Simpósio. O sucesso do evento, bem aceito internamente, reconhecido e com ampla divulgação do âmbito externo, é um catalisador de atenções, um ponto de referência para novas ações em sintonia com as novas demandas sociais.

Mas, não se pense que se romperam os vínculos com o passado. A cada data redonda do Simpósio, tornou-se habitual uma sessão dedicada a rememorar os feitos, reunindo fundadores e participantes mais antigos que, numa tentativa de manter laços com os tempos primeiros do evento e evocar sua história, costumam apontar a necessidade de armazenamento das fontes necessárias à construção/preservação da memória do próprio Encontro Cultural.

O Simpósio e as fontes sobre o Encontro Cultural

A 40ª edição do Simpósio estimulou-me a produzir uma publicação reunindo informações básicas sobre essa atividade específica do Encontro,

13 Está a merecer levantamento sistemático a presença das expressões folclóricas de Laranjeiras como objeto de estudo em teses, dissertações e monografias de conclusão de cursos de graduação, do mesmo modo que o próprio Encontro. Algumas informações se encontram em DANTAS, Beatriz Góis. *Mensageiros do lúdico*: Aracaju: Criação, 2013.



reunião de especialistas interessados no estudo da cultura popular e em suas interfaces com vários campos do conhecimento e na interlocução com os mestres e os brincantes. O trabalho foi desenvolvido e publicado com apoio institucional do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), e o relato que se segue dá a dimensão dos percalços enfrentados no acesso às fontes.

O termo fonte está aqui empregado em sentido abrangente¹⁴, incluindo manuscritos e impressos, documentos oficiais, jornais, fotografias, cartazes, material de divulgação como folders, gravações sonoras e audiovisuais gerados pelo evento e sobre ele, as entrevistas e muitos outros itens nos quais é possível desvendar a ação dos homens.

A ideia inicial era trabalhar apenas com dois tipos de fontes (folders e fotos) e elaborar um catálogo relacionando os temas de cada Simpósio e os nomes de pessoas que deles participaram nas várias mesas na condição de palestrantes, debatedores, depoentes e mediadores convidados por sua organização. Ao lado de fotos de cada evento, que ampliavam com imagens o conteúdo das informações textuais, ter-se-ia um mapeamento sistematizado das atividades e seus personagens, resultando em um instrumento de trabalho útil aos pesquisadores.

Folders do Encontro Cultural contendo programação do evento



Fonte: Acervo da autora

14 Dentre outros autores, ver MARROU, Henri Irinée. Sobre o conhecimento histórico. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.



**III Simpósio sobre Medicina popular, janeiro de 1978. Raul Lody (RJ)
falando em sessão realizada na Igreja da Conceição. Acervo APES
FO2108**



334

Fonte: Acervo da autora

Os folders de divulgação do Encontro Cultural são peças publicitárias que trazem toda a programação do Encontro, inclusive a relação dos grupos folclóricos e de outras atrações que participaram da festa ao longo dos anos. Registram os nomes dos organizadores do Encontro, dos responsáveis pelas diversas atividades subjacentes à sua estrutura, bem como das entidades colaboradoras e dos participantes dos Simpósios, o que me interessava especialmente. Além da parte textual, os folders incluem a reprodução do cartaz de cada ano, constituindo-se, portanto, em documentos que condensam muitas informações: em uns anos, mais completas, em outros, mais sucintas.

As fotos permitem leituras sobre diversos aspectos do Simpósio, como imagens dos integrantes das mesas redondas, da plateia, dos locais de realização dos eventos, das formas de ornamentação do espaço, das homenagens, das relações entre intelectuais e artistas populares, dentre muitos outros aspectos. Interessada particularmente nas situações de trabalho registradas nas fotos das mesas redondas, eu julgava que as encontraria facilmente nas instituições culturais de Laranjeiras e de Aracaju, pois as atividades do Encontro sempre foram fartamente fotografadas por profissionais a serviço de entidades públicas, desde o primeiro evento.



Do ideal ao real: as dificuldades

Durante os muitos anos de participação no Encontro Cultural de Laranjeiras, reuni um número razoável de folders. Esse material foi o ponto de partida do trabalho que deveria ser completado com a consulta às instituições culturais. Nestas esperava, junto com minhas colaboradoras¹⁵, encontrar os folders e as fotos dos Simpósios. O trabalho seria, portanto, relativamente simples e de fácil execução. Ledo engano.

Os arquivos institucionais, de modo geral, não incluem em seu acervo folders e outros materiais que, pelo seu caráter efêmero, não são vistos como documentos. Em geral, carecem de organização e instrumentos descritivos do material arquivado. No caso de fotos, o mais comum é a consulta manual e direta na documentação, ou seja, olhar uma a uma centenas e centenas de fotografias, muitas vezes sem nenhuma identificação. O que se encontra armazenado eletronicamente e identificado é muito pouco se comparado com o material não trabalhado. Veja-se, por exemplo, o Arquivo Público do Estado de Sergipe (APES), onde foi localizada a maior documentação fotográfica sobre o Encontro Cultural, mas também a inexplicável ausência de fotos de anos seguidos. A expectativa era que aí se encontrassem depositados os acervos provenientes dos órgãos governamentais de cultura já extintos, que foram responsáveis pela realização do Simpósio ao longo do tempo. Isso, porém, não ocorreu¹⁶.

A documentação de Luiz Antônio Barreto, mentor do Encontro e responsável por sua realização durante muitos anos, esperava-se, seria o grande depositário da memória do Simpósio. Recolhido à Universidade Tiradentes (UNIT), ocupando espaço do Instituto Tobias Barreto, muito pouco contribuiu para diminuir as lacunas. O material ainda está em fase de organização, sendo muito pequena a quantidade de fotos do evento disponibilizadas à consulta.

15 Conteí com a colaboração de Aline Cruz, coordenadora do arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, Raquel Figuerôa e Rosely Bezerra, estudantes de museologia e bolsistas da mesma instituição, disponibilizadas para o projeto pelo seu presidente Samuel Albuquerque, que muito se empenhou para que a publicação fosse editada a tempo de ser lançada durante a realização do XL Encontro Cultural.

16 No Arquivo Público, há uma relação das fotos arquivadas no suporte papel, das quais uma parte está digitalizada, outra apenas guardada em caixas-arquivos. Há quase uma centena de envelopes pardos onde estão datilografadas informações sobre fotografias referentes ao Encontro Cultural de Laranjeiras, mas a surpresa é que os envelopes estão vazios. A boa vontade de Milton Barboza, diretor interino do APES, e da funcionária Raquel Morais ajudou na localização das fotos, umas identificadas, outras não. Na Subsecretaria de Estado do Patrimônio Histórico e Cultural (SUBPAC), as fotos não tinham organização específica, mas graças ao apoio do diretor Eduardo Oliva e ao empenho de Ana Conceição Carvalho, o funcionário Paulo Marcos Carvalho Lima, disponibilizado para o trabalho, localizou e digitalizou muitas fotos. No Instituto Histórico e na Biblioteca Pública Epifânio Dória, não foram encontradas fotografias sobre o ECL. No livro sobre os 40 anos do Simpósio, fez-se indicação do arquivo de origem de cada uma das fotografias publicadas.



Em Laranjeiras, o que se encontrou não foi diferente. Não se localizaram arquivos fotográficos nem coleções de folders sobre o evento. Apenas, um ou outro, esparsos no interior de algum museu ou na prefeitura¹⁷.

Diante dessas dificuldades, recorri a diversos pesquisadores e participantes do Simpósio sediados em Sergipe e em outros estados na esperança de conseguir fotos e folders. Seus nomes estão registrados nas legendas das fotografias que integram a publicação¹⁸. Ao mesmo tempo, na tentativa de suprir as falhas da documentação selecionada, ampliei o universo de fontes pesquisadas no plano local, recorrendo a jornais, anais, trabalhos publicados, depoimentos de antigos participantes, dentre outros, o que não permitiu, contudo, eliminar as lacunas¹⁹.

Essa sofrida e trabalhosa experiência da pesquisa que resultou no livro *Encontro Cultural de Laranjeiras: 40 Anos do Simpósio*, mostrou a necessidade de se colocar na pauta das discussões a coleta e o armazenamento adequado dos vários tipos de fontes, visando resguardar para as gerações futuras a documentação do Encontro Cultural.

Publicação comemorativa da 40ª edição do Encontro Cultural de Laranjeiras, 2015



Fonte: Acervo da autora

- 17 A intervenção de Paulo Leite, secretário de Planejamento de Laranjeiras, foi decisiva para estabelecer a conexão com Evanilson Calazans, secretário de Cultura que, em meio às muitas providências para a realização do Encontro, atendia as minhas constantes consultas. Agradecimentos também a Irineu Fontes.
- 18 Cabe uma referência especial à colaboração de José Fernando Souza, estudioso radicado em Recife e frequentador do Encontro Cultural, que, durante a execução do trabalho, colocou à minha disposição seu rico acervo de fotos digitais. Sua generosidade tornou menores as lacunas de fotos no livro e culminou com a entrega pública do arquivo fotográfico de Roberto Benjamin durante a abertura do XL ECL. Este acervo trata de Sergipe, está em fase de identificação e será depositado em instituição de acesso público.
- 19 Restou mais de uma dezena de Simpósios sem documentação fotográfica, esperando-se que a publicação do trabalho suscite a colaboração de eventuais colaboradores ou doadores.



Memória, documentos e estudos

A preocupação com a construção/preservação da memória do Encontro não é nova; foi levantada por diferentes estudiosos em instâncias e momentos diversos. No Conselho de Cultura, gestaram-se as iniciativas de publicação dos anais das duas primeiras edições do Simpósio.

Essa iniciativa logo foi abandonada, e no Conselho vozes se fizeram ouvir, como a de Jackson da Silva Lima a reclamar o retorno da publicação e “lembrar que o saldo positivo desses Encontros, no aspecto estritamente cultural do estudo e da exegese, só terá vida longa se registrado em anais, em má hora, relegados a plano secundário”²⁰. No entanto, poucos anais do evento lograram edição no suporte papel²¹.

Anais dos Simpósios no suporte papel, publicados em 1977-1978 e 1995-1999

337



Fonte: Acervo da autora

Apesar das facilidades da era digital, os anais eletrônicos não foram incorporados como prática habitual nos registros do Simpósio. Alguns experimentos esporádicos não fazem jus às centenas de horas de gravações de sons e de imagens realizadas nas diferentes sessões do Simpósio e nas várias atividades do Encontro. Cabe perguntar: o que foi feito desse material?

20 LIMA, Jackson da Silva. *Parecer ao Projeto do VIII Encontro Cultural de Laranjeiras*. 1982. Arquivo do Conselho Estadual de Cultura de Sergipe.

21 O I e II Encontro tiveram Anais sucintos publicados na Revista Sergipana de Cultura, órgão do Conselho de Cultura, em 1977 e 1978. As edições XX a XXIV do Simpósio (1995-1999) tiveram publicações específicas e detalhadas de Anais nos quais se incluem a transcrição dos trabalhos apresentados e os debates com o público. Em 1995, foi lançado um volume especial comemorativo dos 20 anos do Encontro Cultural com transcrição de trabalhos apresentados no Simpósio em anos anteriores (Nascimento, 1995).



Muitas outras indagações merecem ser feitas.

Onde estão as centenas de fotografias, realizadas por profissionais a serviço de instituições públicas, que registraram os diversos momentos e atividades do Encontro e que não foram localizadas? Os cartazes do evento, produzidos anualmente através de concurso promovido pela Prefeitura de Laranjeiras, estão reunidos na Casa do Folclore Zé Candunga. Espera-se que a coleção se mantenha atualizada e em condições adequadas de conservação.

O mesmo tratamento não foi dispensado aos folders que contêm a programação de cada edição do evento. Apesar de sua importância e da riqueza de informações, não se encontram reunidos em um só lugar de acesso público. Algumas instituições guardam exemplares dispersos. Já em 1993, Verônica Nunes²² na sua dissertação de mestrado intitulada *Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural: busca de elementos para integração da ação cultural*, registrou a dificuldade de acessar todos os folders publicados até a data da realização do seu trabalho. Nele estão reproduzidos exemplares que, hoje, suprem a falta dos originais que deveriam estar nos arquivos.

Diante de tanta dispersão, cabe mais uma pergunta: será que a documentação referente à organização do evento envolvendo diferentes órgãos está preservada? Como se deu a participação de diversas entidades locais, regionais e nacionais que patrocinaram ou apoiaram o evento? Desde o início ele foi promovido pelo governo de Sergipe e pela prefeitura de Laranjeiras com fortes aportes de órgãos federais como o antigo Departamento de Ação Cultural (DAC) e a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), para citar apenas dois da fase inicial. Ao longo do tempo, se somaram muitos outros como a Fundação Joaquim Nabuco, do Recife e a Rede Globo, do Rio de Janeiro.

Boa parte da memória do Encontro Cultural tem sido resgatada através da oralidade, pois se constitui em lembranças de antigos organizadores, às vezes registradas por pesquisadores em obras nem sempre acessíveis ao grande público. Importante lembrar que a geração que criou e organizou os primeiros Encontros já sofreu baixas significativas, levando consigo suas experiências e recordações. Como lembra Norbert Bobbio²³, percorrer as trilhas da memória é fazer um percurso pontilhado de mortos.

As entrevistas que foram realizadas por diversos pesquisadores com intelectuais e brincantes, muitos deles já falecidos, poderiam ser reunidas

22 NUNES, Verônica Maria Meneses. *Laranjeiras: de cidade histórica a Encontro Cultural. Busca de elementos para integração da ação cultural*. Dissertação (Mestrado em Administração de Centros Culturais), Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

23 BOBBIO, Norberto. *O tempo da memória*. De senectude e outros registros autobiográficos. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

em um banco de dados, ampliando as vozes polifônicas sobre o evento e preservando para a posteridade as falas, as imagens e a memória local através dos diversos atores sociais que aí interagiram ao longo do tempo.

A produção sobre o ECL também precisa ser resgatada. É importante identificar e garantir formas de acessar o que se produziu sobre ele. O trabalho já citado de Verônica Nunes, que não teve a divulgação merecida, inaugurou esse campo de estudos e reflexões sobre o evento.

Outros autores têm se ocupado do tema, a exemplo de Bráulio do Nascimento²⁴, que publicou uma retrospectiva geral do evento por ocasião dos 20 anos do ECL e repetiu o feito na sua 30ª edição, em 2005, publicando um folheto em que atualiza as informações²⁵. Wellington de Jesus Bomfim²⁶ escreveu *Notas sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras*.

Trabalhos acadêmicos sob a forma de monografias e dissertações enfocam o Encontro em diferentes perspectivas, destacando-se os trabalhos de Aline Santos Cruz²⁷, José Ribeiro Filho²⁸ e Luciana Aguiar²⁹, cujo lançamento pela Edise era esperado nos 40 anos do Encontro.

Na linha de trabalhos com imagens, cabe citar o vídeo de José Roberto dos Santos e Maurício da Cunha Neves³⁰ e a apresentação de powerpoint intitulada *Memória dos Encontros Culturais*, com texto de Roberto Benjamin e seleção de fotos e montagem de José Fernando Souza³¹, exibida no Simpósio de 2008, uma retrospectiva do evento através de fotografias dos intelectuais e dos mestres com suas expressões culturais.

- 24 NASCIMENTO, Bráulio do. *Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos*. (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura, 1995.
- 25 NASCIMENTO, Bráulio do. *30 anos de Folclore*. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2005.
- 26 BOMFIM, Wellington de Jesus. Notas sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras. In: NOGUEIRA, Adriana Dantas e SILVA, Eder Donizeti (org.). *O despertar do conhecimento na colina azulada: A Universidade Federal de Sergipe em Laranjeiras*. v. 2. São Cristóvão-SE: UFS, 2009.
- 27 CRUZ, Aline Santos. *Notícias do Encontro Cultural de Laranjeiras nos jornais sergipanos (1976-2000)*. Trabalho de conclusão de curso (História), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE. (digit.). 2009.
- 28 RIBEIRO FILHO, José. *Eventos públicos e privados: a elaboração de políticas culturais voltadas para a realização da festa*. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE, 2008.
- 29 AGUIAR, Luciana. *Celebração e estudos de folclore brasileiro: o Encontro Cultural de Laranjeiras (Sergipe)*. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- 30 SANTOS, José Roberto; NEVES, Maurício da C. Neves. *Laranjeiras, um olhar sobre o Encontro Cultural*. Trabalho de conclusão de curso (Comunicação Social), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão-SE (vídeo). 2000.
- 31 BENJAMIN, Roberto; SOUZA, José Fernando. *Memória dos Encontros Culturais*. [Apresentação de powerpoint exibida no XIII Encontro Cultural de Laranjeiras] 2008.

Por seu turno, os cursos universitários instalados em Laranjeiras em 2007 começam a render seus frutos. Allyne Francine Souza³² produziu monografia de conclusão do curso de Museologia sobre os cartazes do ECL reunidos na Casa do Folclore Zé Candunga.

Essa enumeração de alguns trabalhos, evidentemente, não esgota o assunto. Muito mais deve existir nas listas de monografias, dissertações e teses produzidas em diversos lugares, com divulgação reduzida e acesso difícil ao público fora do circuito universitário. É hora de se levar a sério a documentação e a produção sobre o Encontro agora em sua 40ª edição.

XL Encontro Cultural de Laranjeiras, janeiro de 2015. Mesa redonda realizada no Campus da UFS [CAMPUSLAR], com participação de Osvaldo Trigueiro (PB), Fernando Soutelo (SE), Aglaé Fontes (SE), Beatriz Dantas (SE), Magno de Jesus (SE), Jackson da S. Lima (SE), Severino Vicente (PB) e José Fernando Souza (PE)

340



Fonte: Acervo da autora

32 SOUZA, Allyne Francine. *Uma coleção em cartaz: estudo sobre identidade e museu na Casa do Folclore Zé Candunga*. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Museologia), Laranjeiras: Universidade Federal de Sergipe. Campuslar, 2011.



Luiz Antônio Barreto, em 1995, já registrava essa preocupação, e em 1998, chegou a anunciar a construção de um Memorial a ser inaugurado até o ano 2000³³, projeto que tinha o apoio de José Monteiro Sobral, à frente do Executivo municipal em vários mandatos. Enfim, a preocupação com a memória do Encontro Cultural esteve no horizonte dos seus fundadores, todavia se ressentia de ações mais efetivas para resguardar a documentação.

Mais do que a construção de um espaço específico para abrigar os documentos referentes ao Encontro Cultural, urgente é a formação de uma consciência da necessidade de sistematização e preservação desse material variado e disperso, e a ação para que ele seja localizado, digitalizado e identificado, constituindo um banco de dados com informações disponíveis ao público interessado. É necessária a soma de esforços das instituições voltadas para a preservação da documentação sergipana.



O IHGSE e os documentos sobre o Simpósio

O Instituto Histórico, entidade centenária dedicada à construção e a preservação da memória de Sergipe, por ocasião do XL ECL deu o sinal de partida, somando-se aos que se preocupam com a documentação referente ao evento.

“Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em ‘documentos’, certos objetos distribuídos de outra maneira”, diz Michel de Certeau³⁴. Ao viabilizar a elaboração e a publicação do catálogo sobre as 40 edições do Simpósio, o IHGSE tornou-se participante do processo de “produção” de documentos e sua preservação. Por outro lado, fez-se oficialmente presente nas sessões públicas de estudo, compartilhando projetos e discutindo soluções referentes à documentação sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras.

Convém registrar que em muitas edições anteriores do evento, Maria Thétis Nunes, que durante 32 anos dirigiu a Casa de Sergipe, fez-se presente em sessões solenes de abertura do Encontro ou nas mesas inaugurais do Simpósio. Mulher de múltiplas inserções em entidades culturais, ora representava a Academia Sergipana de Letras, o Conselho de Cultura ou o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Presidiu mesas redondas e, eventualmente, atuou como debatedora, mas sua participação não resultou em envolvimento da instituição que dirigia com o evento, sendo antes a expressão de sua visibilidade como intelectual reconhecida.

33 BARRETO, Luiz Antônio. Intervenção. ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 20, 1995, Aracaju. Anais... Governo de Sergipe, 1995 e Fala de encerramento. ENCONTRO CULTURAL DE LARANJEIRAS, 22, 1998, Aracaju, Anais... Governo de Sergipe, 1998.

34 CERTEAU, Michael. *A Escrita da História*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1982, p. 81.



Por seu turno, a Revista do IHGSE, que desde a inauguração do ECL editou 17 números, traz em suas páginas apenas dois artigos com indicação de que foram resultantes de trabalhos apresentados no Simpósio do Encontro de Laranjeiras³⁵, enquanto centenas de apresentações orais foram feitas naquele espaço ao longo dos anos. Isso sugere a reduzida procura das páginas do periódico por parte dos integrantes do evento para publicação de trabalhos. Registre-se que, entre a segunda metade da década de 70 e as duas décadas seguintes, houve uma intensificação de atividades envolvendo folclore em Sergipe e, paralelamente, uma floração de publicações que divulgavam essa temática³⁶. Essas alternativas de publicação ajudam a entender a pouca representatividade de trabalhos oriundos daquele evento nas páginas da Revista do IHGSE que, segundo Magno Francisco de Jesus Santos³⁷, em cem anos de existência, pouco publicou sobre folclore.

342

Essa constatação é desconcertante, pois o registro de documentos relativos ao “fok-lore” constava entre as finalidades da criação do Instituto, conforme Estatutos de 1912³⁸. Acrescente-se que, no final da década de 40, quando ganhou corpo o chamado “movimento folclórico brasileiro” através da criação da Comissão Nacional de Folclore, que estendeu uma ampla rede de subcomissões em vários estados da federação³⁹, a entidade sergipana, criada em 1948, tinha sede no prédio do IHGSE, tendo à frente Felte Bezerra⁴⁰, que logo depois se tornou também presidente do Institu-

- 35 DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 27, p. 63-69, 1965-1978, trabalho apresentado no I Simpósio, que fundamenta a realização do evento em sintonia com calendário tradicional de festas da cidade. ALVES, Francisco José. Calendário religioso da irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Estância (1772-1827), *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*, Aracaju, n. 31, p.83-92, 1992, trabalho apresentado no IX ECL realizado no ano de 1984.
- 36 Concomitante ao surgimento do ECL, em 1976, foi reorganizada a Comissão Sergipana de Folclore (CSF), que editou uma revista homônima de curta duração (1976-1979). A Revista do Conselho de Cultura, também de curta duração, publicou trabalhos apresentados nos dois primeiros Simpósios, e entre 1995-1997 o Encontro Cultural de Laranjeiras contou com publicação específica de seus Anais. Tanto os órgãos de cultura do Estado quanto os da prefeitura de Aracaju fizeram publicações mimeografadas de várias monografias, além dos Cadernos Sergipanos de Folclore (SEC/CSF) e dos Cadernos de Cultura Popular (SUCA/SEED/SE). Sobre as Revistas do período, ver NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; FREITAS, Itamar. A Revista em Sergipe. Aracaju, *Revista de Aracaju*, n. 9, p. 169-187, 2002.
- 37 SANTOS, Magno Francisco de Jesus. A Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a invenção da historiografia sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel; SANTOS, Magno; SANTOS, Ane Luíse (org). *História, memória e comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE*. Aracaju, IHGSE, 2014, p. 156.
- 38 Ver Revista do IHGSE, v. 1, n.1. Aracaju, 1913, p. 16.
- 39 Ver VILHENA, Luiz Rodolfo. *Projeto e missão: o movimento folclórico brasileiro (1947-1961)*. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.
- 40 Ver DANTAS, Beatriz Góis; NUNES, Verônica. *Destinatário: Felte Bezerra, cartas a um antropólogo sergipano (1948-59 e 1973- 85)*. São Cristóvão: Editora UFS, 2009.



to. Essa aproximação, no entanto, não gerou uma produção significativa que se revele nas páginas da sua Revista. O que se produziu sobre folclore, à época, foi publicado, sobretudo, na Revista de Aracaju.

O atual presidente Samuel Albuquerque, com assento no Conselho Estadual de Cultura, órgão de discussão sobre os projetos culturais do Estado, e dando continuidade à política de seu antecessor, vem ampliando a aproximação do IHGSE com entidades culturais diversas. Desse modo, assumiu o desafio de inserir a presença do IHGSE nas comemorações do XL Encontro Cultural de Laranjeiras, colaborando com a elaboração e a publicação de uma memória sobre as 40 edições do Simpósio. O final do ano de 2014 marca, assim, a reaproximação do Instituto com eventos relacionados com a cultura popular.

Por outro lado, na condição de professor da Universidade Federal de Sergipe no campus de Laranjeiras, que parece ser a instituição mais adequada a deslançar esse processo em convênios com outras entidades, o presidente do IHGSE tem feito articulações procurando sensibilizar parceiros para a tarefa que se reveste de certa urgência. Desse modo, a centenária Casa de Sergipe assume um lugar de destaque nas discussões sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras e o faz pela vertente dos cuidados com a documentação.



Considerações finais

Localizar, identificar e armazenar registros sobre o ECL, transformando-os em documentos que, múltiplos e dispersos, necessitam de sistematização, é a forma de preservar para os pesquisadores do presente e para as futuras gerações o acesso às fontes sobre o evento. Ao mesmo tempo, é necessário construir uma memória sobre o Encontro e avaliar a repercussão do que se fez em Laranjeiras durante 40 anos ininterruptos do evento, em tempos marcados pelo avanço da globalização.

Como bem colocou Bráulio do Nascimento “não é possível falar do desenvolvimento dos estudos de cultura popular no Brasil sem passar por Laranjeiras”⁴¹. Essa afirmação, que se encontra num texto de avaliação dos 20 anos de Encontro, ganha mais peso quando o evento completa 40 anos de realização contínua.

Desse modo, sistematizar e colocar à disposição da comunidade e dos estudiosos a documentação sobre o Encontro Cultural de Laranjeiras ajuda a lançar luz sobre aspectos da história cultural de Sergipe e sobre os estudos de cultura popular no Brasil.

41 NASCIMENTO, Bráulio do. *Encontro Cultural de Laranjeiras, 20 anos*. (Org.) Aracaju: Secretaria Especial da Cultura. 1995. p.11.

